



On the Origins of Money

Carl Menger

Auburn, Al: Ludwig von Mises Institute, 2009. (54 páginas)

ISBN: 978-14-79367-15-3

Normalmente, quando falamos em Escola Austríaca, o nome de Carl Menger (1840-1921) é preterido por nomes como: Ludwig von Mises, Friedrich A. Hayek, Murray N. Rothbard e até mesmo Frédéric Bastiat, que nem sequer pode ser considerado um Austríaco, em essência. Claro que esses pensadores foram e são importantíssimos na construção do pensamento dessa Escola, mas é evidente que Menger (e por que não falar em Eugen von Böhm-Bawerk também) foi deixado, ao meu ver injustamente, de lado pelos autores mais recentes.

Uma crítica comum feita a Menger, é a que deu uma importância desproporcional à *Methodenstreit*, um longo e exaustivo debate com a escola Historicista Alemã. Com isso, de algum modo acabou desperdiçando energia, sob a ótica de alguns analistas, principalmente porque abriu espaço para as teorias monetaristas de equilíbrio.

The Origins of Money foi publicado originalmente em 1892, 21 anos depois de sua obra considerada a mais importante: "Princípios de Economia Política"¹.

Menger começa dizendo que existe um fenômeno muito estudado pelos intelectuais em geral, e que atrai muita atenção, que é o fato de que, em civilizações avançadas, o uso de ouro, prata e subsequentemente o de papel para representá-los, tornou-se universalmente aceito como meios de troca. A pergunta principal é: como esses pedaços de metais, aparentemente inúteis, ao redor de todo o

mundo, eventualmente e sem qualquer relação próxima ente esses entes locais, alcançaram esse status?

Para isso, precisamos voltar ainda mais no tempo, quando os meios de troca eram outros: animais, sal, peles e até mesmo conchas. Como explicar por que os homens aceitam esses tipos de mercadorias, mesmo que não tenha utilidade imediata?

Para o autor, na época em que escreveu este livro, ainda não havia teorias satisfatórias relacionadas com as origens do dinheiro. A primeira do tipo lançada foi que o dinheiro nasceu de um sistema legal ou mesmo de uma convenção geral. Esse pensamento é seguido por Platão, Aristóteles, por juristas Romanos e escritores medievais. Entretanto, quando testada de forma mais profunda, essa teoria deu espaço para grandes dúvidas. Como um evento tão importante como esse marco legal teria passado despercebido?

O homem foi, aos poucos, compreendendo as vantagens trazidas pelas trocas, como também chamamos de escambo. No começo, de acordo com a simplicidade de qualquer cultura primitiva, focava-se somente em atender a demandas de curto prazo. No entanto, quando oferta e demanda não se equivaliam quantitativamente, essa troca era particularmente dificultada. Como um curso natural das coisas, numa ordem espontânea, a fim de solucionar esse problema, foi percebido que havia, em cada mercadoria, um diferente grau de liquidez (*Absatzfähigkeit*). Com isso em mente, podemos imaginar o nosso dinheiro "atual" como um ativo ou mercadoria

¹ MENDER, Carl. *Princípios de Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

com o maior grau de liquidez do mercado. Houve alguns casos onde nossa moeda ficou tão fragilizada que se tornou uma mercadoria muito pouco vendável, traduzindo a partir do termo exato do autor. No entanto, isso não é um privilégio só nosso, pois sempre que a autoridade central empregou uma receita similar, o mesmo aconteceu, vide a República de Weimar, a Roma Antiga e diversos outros exemplos. Quanto mais líquida ficar uma mercadoria, a tendência é que seu valor fique ainda maior, pois seu uso como meio de troca aumenta.

No quinto capítulo, o autor fala da alta variação e também do quanto é difícil ter uma perfeita noção de preços. Uma coisa que cita é que, caso alguém compre uma mercadoria no mercado, mesmo sem alterar qualquer propriedade do produto, dificilmente conseguirá colocar esse produto no mercado pelo mesmo preço, como um carro novo, por exemplo. Assim como não pode haver uma proporcionalidade clara entre as mercadorias, dois quilos de um produto nem sempre valerá o mesmo que dez quilos de outro. São praticamente infinitas variáveis. É uma questão de quanto o mercado aspira por aquilo. Também argumenta que nem sempre o vendedor pode esperar o tempo necessário para vender seu produto pelo "preço de mercado", frequentemente, por motivos diversos, precisa tornar o valor mais atrativo ao cliente em potencial.

Menger fala que há alguns tipos de limites ou limitações concernentes ao grau de liquidez de cada produto, a saber: limites econômicos, limites espaciais e limites de tempo. O primeiro considera o número de pessoas interessadas no produto, seu poder de compra, o desenvolvimento do mercado, entre outros. Os limites espaciais levam em conta a distribuição geográfica do produto, o custo de transporte, regulações e barreiras comerciais. No caso dos limites de tempo, consideram-se, obviamente, a taxa de juros, o custo de armazenagem e muitas outras variáveis difíceis até de imaginar.

Sempre houve um certo tipo de preferência natural, se é que se pode falar assim,

quanto a certas mercadorias, no sentido serem preferidas como meios de troca, sem convenção legal. Um bom negociador sempre busca ter em mãos meios de troca com maior poder de venda, com certa escassez, que usualmente despertam maior interesse e maior valor. Assim, é possível atender às suas expectativas com maior êxito.

Conforme a mobilidade foi sendo facilitada, o aumento do comércio foi inevitável. Como faz parte da natureza humana buscar sua cada vez maior satisfação, os seres humanos aprenderam a transacionar e a buscar novos mercados para seus produtos, o que foi tornando ainda mais necessário dispor de um meio de troca convencional, como peças de metal: escassas, fáceis de transportar e já difundidas pelas civilizações. O que mais contribuiu para o uso do dinheiro, tal como o conhecemos, foi a ação humana, o indivíduo buscando um maior grau de satisfação - sempre usando seu conhecimento, que pode ser ínfimo, mas único, para fazer o melhor com seus meios.

Quando Menger fala da moeda como algo que não foi criado por lei ou império, também deixa claro que, a partir de certo ponto, houve e há legislações instituídas com esse intuito. No entanto, em suas palavras: "Mas este não é o único e nem o modo principal por meio do qual a moeda se originou".

Em seu pequeno tratado, não se leva tanto em conta o resultado nefasto desse artifício governamental. Pelo contrário, o autor se atém ao resultado positivo e diz que os governos aperfeiçoaram e fizeram evoluir, por meio do seu poder, o uso do dinheiro. Onde, anteriormente, os metais eram transacionados por peso, passou-se a adotar a cunhagem de moedas e, subsequentemente, a emissão de papéis com seu valor intrínseco. Menger, mesmo tendo falecido após a criação de instituições centrais de moeda, não pôde testemunhar suas diversas mazelas.

Como os metais preciosos se tornaram moeda? Voltando à pergunta inicial, por que tantas nações diferentes, espalhadas por todo o planeta, convencionaram a utilização desse

tipo de mercadoria como dinheiro? Os metais preciosos são os que superam, com maior grau, as limitações descritas por Menger. São relativamente fáceis de transportar, escassos, fáceis de fracionar e duráveis. Dessa maneira, reúnem as melhores condições para desempenhar a importante função de favorecer as transações econômicas entre os seres humanos. ∞